

Debandada à vista

Em oposição à tese defendida da boca para fora por dez entre dez políticos brasileiros, segundo a qual é cedo para definições eleitorais com vistas à sucessão de Fernando Henrique Cardoso, na chamada base governista já surge forte a contra-ordem: é preciso decidir, até o final deste ano, quem será o candidato das forças que estão no poder.

Ou se faz isso, imprime-se cara, nome, voz, nervos, coação, discurso e principalmente ação ao representante da aliança em vigor, ou inexoravelmente estará desfeito o acerto PSDB-PFL-PMDB e a debandada para a candidatura Ciro Gomes (PPS) será inevitável.

O quadro é cáustico, mas é com essas tintas assim fortes mesmo que gente experimentadíssima nas artes do poder e nas manhas de ser governo está preferindo pintar o cenário da disputa presidencial. A dramaticidade da coisa chega ao ponto de as avaliações compararem o que pode acontecer logo depois das eleições municipais com o que aconteceu a partir de meados de 1989 com a candidatura de Fernando Collor de Mello.

Naquela ocasião, como os candidatos desses partidos aqui referidos não estivessem empolgando o eleitorado e, do outro lado, as opções fossem Lula e Brizola, as chamadas bases correram para aquele que lhes pareceu mais confiável e passional o suficiente para empolgar as massas entediadas com aquele jeito manso e tolerante de José Sarney.

Considerando que nessa altura o leitor já identificou as semelhanças das situações passada e presente, ocioso explicar em detalhes do que é mesmo que os aflitos governistas agora estão falando.

Pois é, mortas de medo de perder o poder, pânicas com a possibilidade de encarar pela frente uma chapa Lula-Itamar Franco – os que as excluiria daquilo que em 1989 perderam e custou um impeachment para recuperar – essas forças políticas estão agora querendo se antecipar para não serem de novo pegadas de surpresa pela debandada das bases.

Por essas análises, se os comandantes dos partidos aliados ficarem demorando para chegar a uma definição, perdendo tempo com articulações brasilienses, nos estados haverá inevitável corrida para Ciro que as cúpulas não terão como deixar de acompanhar.

E aí, o cenário que se desenha para Fernando Henrique é tão dantesco quanto aquele que emoldurou o triste fim do governo José Sarney. De acordo com essas previsões, serão dois intermináveis anos, com FH e quem lhe sobrar ao lado, se arrastando em minguados índices de popularidade e já sem a companhia dos partidos que terão, cada qual, ido cuidar de suas vidas.

Mas quem se lembra bem de como se procedeu à sucessão de Sarney haverá de recordar uma diferença básica: acuado pela inflação alta e a rejeição popular, José Sarney abdicou do direito de influir na sucessão, não teve candidato e manteve-se distante do processo.

Até o ano passado, Fernando Henrique estava querendo fazer o mesmo modelo, mas os aliados – notadamente Mário Covas, José Serra e agora todos eles – demonstraram que este era o caminho da derrota certa. Então, FH jogará a força da presidência na sucessão, o que não é pouco por mais impopular que ele esteja.

O problema é que seus correligionários estão achando que ou ele faz isso rápido e com firmeza, ou não conseguirá conter a corrida a Ciro. E rápido os defensores da manutenção da atual aliança como estratégia prioritária, estão entendendo até o fim do ano, logo depois das eleições municipais.

Muito bem, mas quem seria o feliz contemplado com o apoio explícito do presidente desde já?

Aí é que está. O PMDB não tem ninguém, o PFL talvez uma Roseana ainda incipiente e o PSDB teria a fornecer muitos nomes que por enquanto tem pouquíssimos votos.

Não é para implicar com a tese de ninguém, mas considerando essa aridez e mais o fato de que uma definição agora dependeria de FH concordar em dividir a cena por dois anos com alguém que representaria uma expectativa de poder, o que implicaria reviravolta de estilo, recomenda-se aos mais apressados que façam suas malas desde já.